



desenhando zumbidos, florianópolis sob o olhar dos vi- giados

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
ACADÊMICO: Marcus Vinicius da Silva / 14100810
ORIENTADOR: Alcimir José De Paris
2022.2

AGRADECIMENTOS

A minha parceira de vida, Joyce, pelo apoio incondicional durante esse processo. Ao meu terapeuta, Fabio Carvalho, por me auxiliar e encontrar e dar nome aos meus zumbidos. Ao meu orientador, por me encorajar a me expressar sempre que eu recuava com medo de expor minhas fragilidades. A minha mãe e irmã, Estela e Maria Eduarda, que me tornaram a pessoa que sou hoje. E aos meus cães, Koda e Duke, pela companhia em minhas caminhadas pela cidade.



entre o centro.
autoria própria, 2022.

QUANDO SERÁ?!

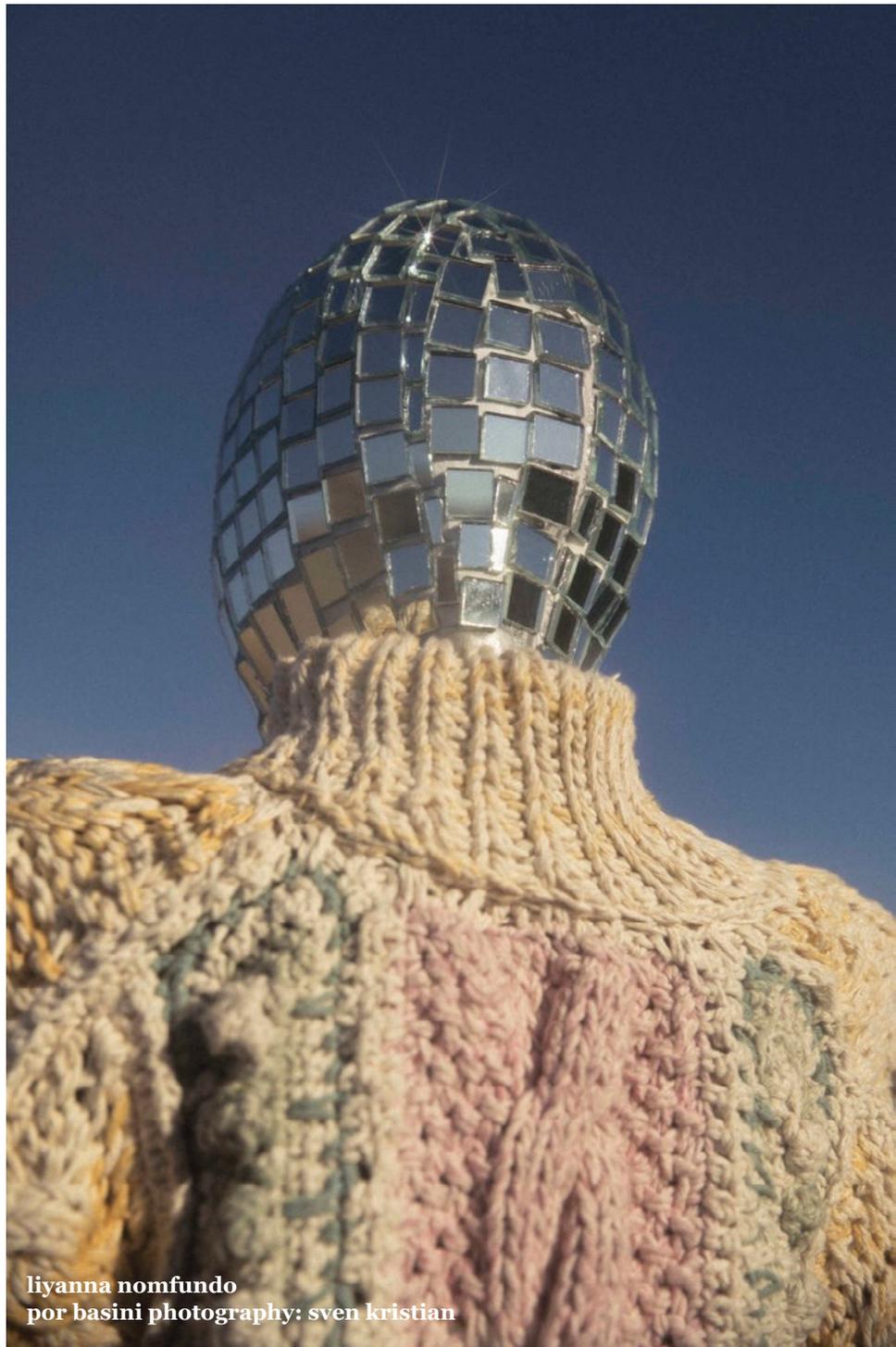
Quando será que tantas almas duras
Em tudo, já libertas, já lavadas
Nas águas imortais, iluminadas
Do sol do Amor, hão de ficar bem puras?

Quando será que as limpidas frescuras
Dos claros rios de ondas estreladas
Dos céus do Bem, hão de deixar clareadas
Almas vis, almas vãs, almas escuras?

Quando será que toda a vasta Esfera
Toda esta constelada e azul Quimera,
Todo este firmamento estranho e mudo

Tudo que nos abraça e nos esmaga,
Quando será que uma resposta vaga,
Mas tremenda, hão de dar de tudo, tudo?!

CRUZ E SOUSA



liyanna nomfundo
por basini photography: sven kristian

que essas paginas possam
de alguma forma
tentar...
mostrar como é por dentro

no escuro...

ser um ponto claro no meio da penumbra

ou seria escuro na luz?



liyanna nomfundo
por basini photography: sven kristian



liyanna nomfundo
por basini photography: sven kristian



que a cidade se faz para mais que prédios, muros e ruas
a cidade também são corpos, e nem todos, para todos
são humanos.

O Que é TCC?

segundo o site "significados"
o tema deve ser escolhido
com base em:

- ① a afinidade com o tema
- ② relevância para a comunidade acadêmica
- ③ Ter bibliografia o suficiente

eu acredito que ele
deve ser um lugar
de partilha de que me
instiga na arquitetura

Trabalho de
conclusão de curso

↳ terminar
acabar

eu concluo que

o TCC é uma conclusão
do curso?

Ok, concluo que foi difícil!

Zumbido

* ruidos contínuos

Ruido: som ou conjunto de sons, frequências desagradáveis, causados por queda, choque, pancada, bulício

bulício: ruído que causa agitação e desordem, falta de sossego



eu vejo o tcc como um momento de breve respiro
olha pra trás
tomar um folego e usar da minha trajetória nesse per(curso)
para encontrar as possíveis saídas dele.

MP SP

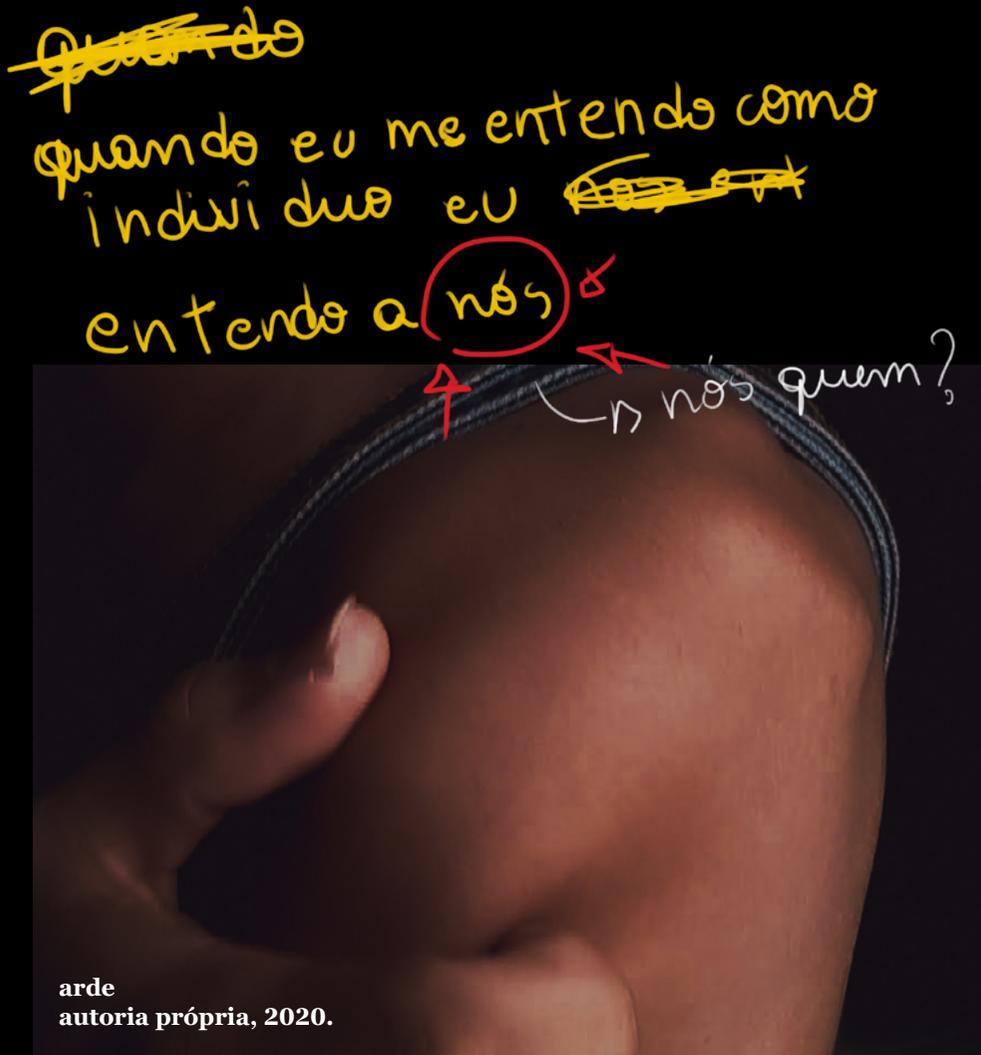
1. PONTO DE PARTIDA

Esse trabalho é um mergulho nas minhas questões para com a cidade, não a cidade em uma perspectiva genérica da palavra, mas a cidade de Florianópolis, que em suas peculiaridades criam uma árdua dinâmica com as minhas peculiaridades. Quero traduzir aqui aquilo que mais me instiga na arquitetura e urbanismo:

Como as pessoas (se) sentem.

Os próximos capítulos desse trabalho falam sobre a dinâmica que eu e a cidade construímos. Construímos sintomas que só poderiam ter sido elaborados a partir da minha própria vivência dentro desta cidade, neste local do Brasil, na época em que começamos a edificar essas dinâmicas, dentro da família em que nasci e no bairro em que cresci. Notando a ordem complexa dos fatores que envolvem esse sentir, percebo ser importante esmiuçar a minha história para que esses sintomas sejam melhor entendidos desde sua origem.

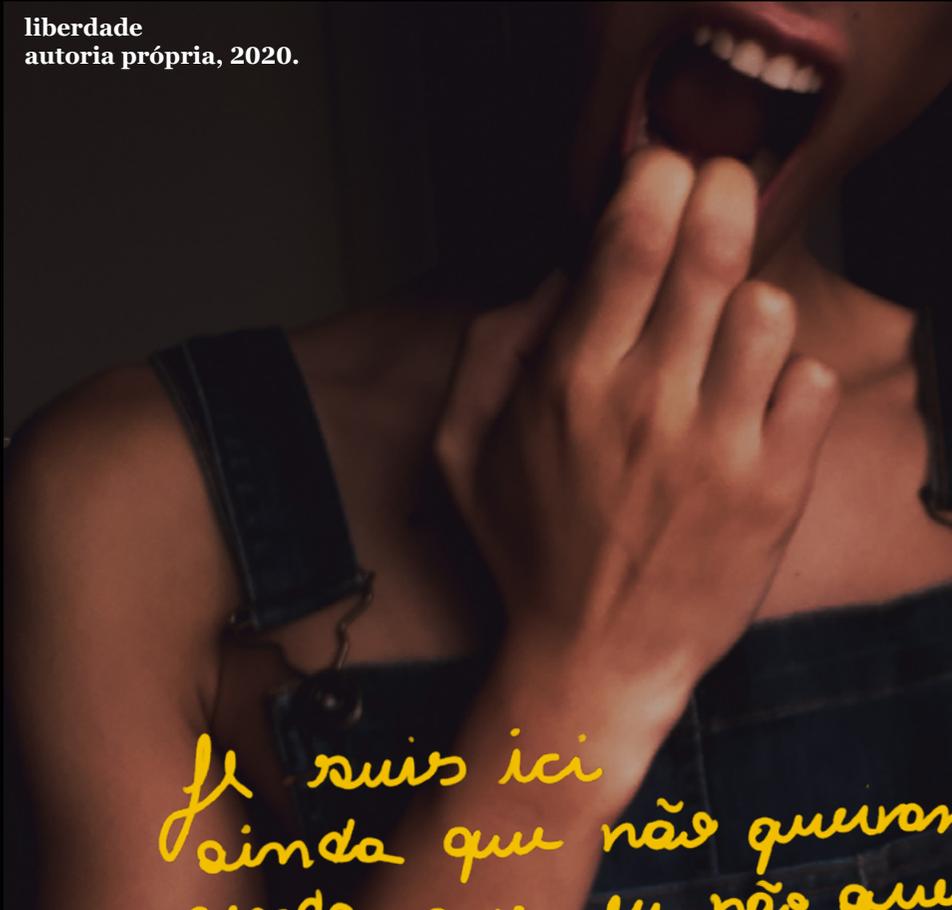
Sou fruto de uma relação interracial que em pouco tempo de foi rompida, com essa separação, como uma típica história brasileira, minha criação e cuidados foram delegados única e exclusivamente a minha mãe. Tendo mais contato com a



família de minha mãe, de descendência europeia, convivi com o racismo “silencioso” desde muito jovem, demorei mais de 20 anos para notá-lo. Sob os pretextos da forma com que o casamento de meus pais terminou, ouvia de todos aqueles rostos brancos que tinha que tomar cuidado para não ser como meu pai.

Esse racismo velado me impediu de entender minha etnia por muito tempo. Mesmo que ouvisse que eu era de fato negro, que minha pele era muito mais escura do que os que me cercavam em todas as comemorações familiares, ainda assim eu não entendia de fato o que era ser negro, o peso que essa palavra carregava. Somada a minha negritude, outra característica que era tão evidente quanto a cor da minha pele, era a minha expressão de gênero, nesses casos as represálias eram mais claras.

liberdade
autoria própria, 2020.



Je suis ici
encore que nous ne sommes
encore que je ne suis pas
Je suis ici
maintenant!

Esse histórico me tornou uma pessoa em eterna auto vigilância, sempre me observando para ser menos negro, menos feminino, menos “alegre”... A sensação de observação que outrora era externa, com o tempo, por uma necessidade de proteção, se tornou interna. Com o tempo as represálias da branquitude heterocisnormativa já não eram mais necessárias para me deixar em eterna vigia, eles conseguiram me programar para desempenhar esse papel.

Esse estado de vigia não é ativo, é como um software rodando em segundo plano, ocupando espaço na memória dificultando ser encontrado, deixando apenas uma pista em forma de zumbido. Entre 2012 e 2013, o notei pela primeira vez, em uma viagem para Vitória, Espírito Santo. Já havia saído do meu estado natal em outras ocasiões, porém

o estado mais ao norte do sudeste brasileiro me causou sensações novas, os zumbidos se calaram. Aquela viagem me ensinou anos depois que a arquitetura não é feita apenas de prédios, ruas e calçadas, mas de corpos, os corpos que caminham por essas estruturas ditas “arquitetônicas” causam muito impacto quando um corpo socialmente marginalizado cruza por outro semelhante, a guarda baixa e por um segundo se esquece porque nos protegemos tanto, até o próximo corpo se aproximar.

O principal contraste entre Florianópolis e Vitória, na minha percepção, era a diferença das cores dos corpos e como aquelas cores coloriam aquela ilha de arquitetura e aspectos geográficos tão semelhantes à capital catarinense. Vitória, com sua população de 57% de pessoas auto-declaradas negras ou pardas contra os 15,5% de Florianópolis, me ensinou, antes de estudar arquitetura, que uma cidade pode mudar, para quem a sente, de acordo com as características de sua população.

mas, vão me levar
a sério?

porque eu quero ser
levado a sério?

o que da cidade fica na
memória?

lembrar é projetar?

a memória é arquiteto?

como "não-arquitetos"
memorizam os espaços?

o papel de escuta do
arquiteto

as memórias se alteram?

como que aquilo que
~~lembramos~~
ou não afeta o que sinto?



auto retrato
autoria própria, 2022.

2. MEMORIA INCONSCIENTE

Tendo em mente que a minha história molda a forma como ocupo e me permito ser ocupado pela cidade, entendo que a memória, como um agregado de todas as minhas experiências é capaz de me dar pistas das causas dos meus zumbidos.

Na tentativa de entender o que causava esses sentimentos, ainda sem nomes, a tema da memória surge como um conceito impossível de ignorar, dado a quantidade de questionamentos que me tomam a partir desse tema. Partindo do fato de que essas sensações ao percorrer a cidade de Vitória e Florianópolis não ocorrem a todos que por elas já passaram, existiria então uma cidade que carregamos conosco? Qual a cidade que você carrega? Porque ela tem essa forma? Você se sente pertencente a esse espaço?

Existe uma complexa teia de vivências que geram diferentes sensações em cada pessoa ao cruzar a cidade. Nossas experiências e traumas adquiridos delas que tecem essa teia.

Quem desenha a cidade deve ter a habilidade de ler essa teia e conseguir tecer novas para criar a cidade desejada, para atingir de diferentes formas cada indivíduo. Vendo o verbo projetar como o ato de criar uma projeção de algo, o que desejamos que seja projetado na realidade de cada cidadão? A palavra projetar também carrega consigo outras palavras como arremessar(-se), lançar(-se) ao longe, assim como quem arremessa uma imagem em um quadro branco. Ao projetar, o arquiteto lança o que além de nossas e suas próprias memórias?

Para projetar para a cidade de Florianópolis sou obrigado a fazer o uso de sua história, mesmo sem ter o conhecimento da mesma ou sem ter a intenção de utilizá-la. Ao não entender o contexto do lugar onde criamos intervenções, usamos de sua história, pois os fatos ali ocorridos reverberam até o presente e provocam, sem ao menos entender e perceber, efeitos colaterais. Assim como todo lugar tem sua história, em cada contexto as pessoas irão reagir de forma diferente a cidade.

Aqui, minha preocupação está na (in)existência de uma narrativa preta dentro da capital de Santa Catarina, como negros e negras podem se sentir em casa se a história da cidade popularmente contada não os inclui? O que faz termos uma leitura tão única da realidade? Essa forma de ler pode ser moldada?

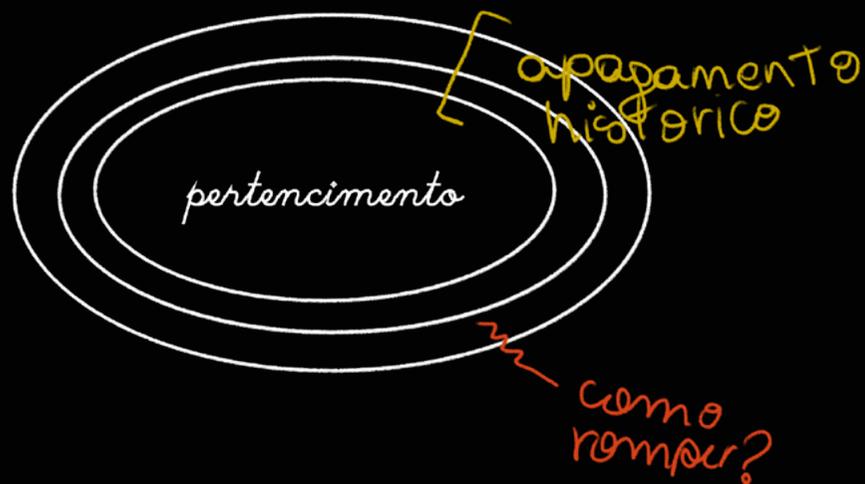
A dúvida sobre as diferentes sensações entre as cidades de Vitória e Florianópolis me levam a investigar a memória, mas apenas a memória como um repositório das nossas experiências não pode explicar sensações. O que cria sensações? As sensações

sensação: (subs. fem). processo pelo qual um estímulo externo ou ~~se~~ interno provoca uma reação específica, produzindo uma percepção

das quais me interessam aqui são apenas sentidas, experienciadas sem uma explicação para além de sua causa. Sabendo que a sensação e causa existem, deve haver algo que conecte sensação e causa, assim como nosso sistema nervoso faz com que sentimos frio (sensação) quando tocamos em algo gelado (causa), procuro um equivalente ao sistema nervoso para a sensação que investigo. O que causa a sensação de não pertencimento da minha cidade natal?

O conceito de inconsciente, ponto central para a psicanálise, é criado por Sigmund Freud. Para Freud nosso aparelho psíquico vai muito além do que nos é consciente e para que algo se torne consciente ele deve passar por resistências impostas pelo inconsciente. Esse sistema não é apenas um pedaço oculto do consciente, ele é um mecanismo extremamente complexo e independente que molda grande parte dos nossos comportamentos, sem que tenhamos noção da ação de suas forças. O médico e criador da psicanálise, conclui que o sistema inconsciente funciona a partir de 3 forças, ele mesmo, o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. O sistema pré-consciente (Pcs) é o responsável por filtrar o que pode ou não passar entre inconsciente e consciente, para que uma ideia deixe o inconsciente para se tornar consciente, ela deve passar através de uma idéia substitutiva, equivalente. Caso essa ideia se aproxime demais da ideia original, contida no inconsciente, o sistema pré-consciente impede a saída da mesma. O consciente é exatamente tudo que conseguimos acessar, já o inconsciente é o seu oposto, memórias, ideias, traumas, que por auto-proteção nossa psique bloqueou o acesso.

percepção
percepção
percepção
percepção
percepção



A cidade possui uma camada intocável, inconsciente, quase inexplicável. Essa camada afeta cada pessoa de forma diferente, dado o conteúdo do seu inconsciente, ela não pode ser descrita graficamente, apenas teoricamente, pois é um amontoado de memória da cidade e dos cidadãos, ambiências passadas que seguem ecoando nas ambiências do presente.

Se enxergamos o mundo a partir de 4 dimensões (comprimento, largura, altura e tempo) essa camada seria uma 5ª, uma marca invisível (aos olhos) das mudanças dessas 4 dimensões durante a linha do tempo, ela carrega consigo o que muitos chamariam de *genius loci*, o espírito do lugar. Para mim ela nada mais é que a concentração das alterações do espaço construído, das violências exercidas, dos bons momentos que todas as pessoas viveram e o próprio clima do local. Todas elas juntas formam a camada a que me refiro.

Saio da inicial necessidade de entender a causa dos zumbidos, as memórias, para tomar consciência da sensação, tendo em vista que o inconsciente é essa estrutura imutável que não por seu funcionamento básico impede a mudança dessa forma de sentir o ambiente. Logo, encontrar a causa e lidar com ela não muda os zumbidos, eles continuam com seus sons incessantes. Prefiro dar forma para eles e investigá-los a partir de seus formatos.

e o que eu não lembro?

así me controle?

eu percebo?



e que existe na mente
que não vemos?

The Art of Living, 1967 by
Rene Magritte

Kintsugi sculptures
por Billie Bond



3. CONTEXTO HISTÓRICO

Após percorrer os assuntos acerca da memória e do inconsciente, começo a me questionar aqui, se existe na cidade com uma memória e um inconsciente próprio que afete a percepção de quem passa por ela. Como um espírito do lugar que ativamente provoca ondulações únicas na percepção de cada indivíduo, de acordo com seus recortes sociais específicos. Eu, como cidadão da grande Florianópolis, me coloco aqui a entender a partir de um dos meus marcadores sociais, a raça, de que forma o histórico da minha terra poderia ter poder de criar zumbidos.

Poderiam acontecimentos históricos marcar a percepção dos lugares na cidade, mesmo sem conhecer essa história? Qual o histórico de Florianópolis sob um recorte racial?

Vejo o racismo como uma herança histórica que precisou se sofisticar com o tempo, com as novas formas de trabalho e consequentemente a nova organização social, para que continuasse existindo. Essa estrutura teve sucesso no seu processo de sofisticação desqualificando um grupo étnico para que a branquitude consiga continuar “bebendo” dos benefícios que essa lógica produz. Destaco aqui a branquitude como a causadora do racismo, na tentativa de tirar o negro do protagonismo quando falamos de tal violência, além de entender que é o momento de o negro falar de sua própria vivência, também entendendo como urgente discutir a branquitude, sem ela não existe violência racial.

para existir fome,
Tem alguém com a mesa farta
para existir a dor,
Tem alguém que gargalha
quando a festa tá boa
cê já sabe quem trabalha [...]
- Bia Ferreira

Para ser branco, além de possuir um conjunto de características físicas, que faz com que o indivíduo possa ser identificado visualmente como tal, o branco ocupa uma posição social superior apenas por tais características. A branquitude cria uma lógica de “eu” e “outro”, onde o “eu” é o padrão, passível de possuir multiplicidades, singularidades (Coelho, 2022), para eles o “eu” é como um “nós”. Já o “outro”, mesmo sendo um grupo, é visto como uma coisa única, sem peculiaridades, todos seus atos são identificados a um comportamento de grupo. Chamamos de branquitude, a maneira como pessoas brancas se comportam e disseminam o racismo, mantendo os seus privilégios sociais, econômicos, políticos e, como crucial nesse estudo, os subjetivos (Coelho, 2022).

A cidade de Florianópolis, como qualquer capital de um país que escravizou pessoas africanas, sempre precisou da mão de obra negra para o seu sucesso econômico, mas sempre soube ocultar essa importância, pois fazer com que o oprimido se sinta insignificante é só mais uma das várias ferramentas de dominação.

o negro é invisibilizado, seja porque não intencionam revelar a efetiva contribuição destes, seja porque os textos vão se deter na sua ausência, na reafirmação de uma suposta inexpressividade. [...] Ou seja, não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como

não existente. (LEITE, 1996, p. 38)

No litoral catarinense existiam diversas armações baleeiras, sendo consideradas unidades escravistas similares a engenhos de cana ou fazendas de café (CARDOSO, 2020). Relatos atuais contam que a caça era, muitas vezes realizada utilizando-se de dinamite, onde os negros escravizados deviam introduzi-la na boca do animal para causar sua morte, nos casos de falha as mãos que carregavam o conteúdo explosivo explodiam. Com o conhecimento do alto risco da função e do valor de um escravizado, a cidade investia em “criadores” de negros, a fim de compensar a grande perda de mão de obra. Próximo ao ano de 1810, a população negra somava 35,5% dos moradores da ilha. Com o fim da pesca da baleia, o uso da mão de obra escrava foi remanejada para diversas funções da cidade, aproximando essa população do centro de Desterro, primeiro bairro da elite da cidade. Os negros moravam nos fundos de propriedades ou em cortiços e moradias populares nos arredores do centro burguês.

Com a proximidade da abolição e do aumento de pressões externas para a mesma, criou-se no estado e em um contexto nacional, uma tentativa de se demonstrar como uma região “do futuro” que não





“Almeda” video clipe
por Solange

usaria de trabalho escravo. Invisibilizar a população negra e o uso de trabalho escravo em seu passado, hoje em dia, corrobora para alimentar o conhecido discurso de que todo o desenvolvimento catarinense se deve a força de trabalho dos colonos europeus que aqui desembarcaram, sempre pintados como um povo extremamente trabalhador e honesto, são esses descendentes de europeus que hoje em dia colhem os benefícios do racismo.

Em 1885, 25% da população da ilha era de negros escravizados. Com o fim da escravidão em 1888 a população branca associou o trabalho negro como algo de segunda categoria, mesmo que essa população tivesse sido a principal e mais importante força de trabalho que conduziu a cidade para seu patamar até o momento, menosprezaram os trabalhadores negros como incapazes (CARDOSO, 2000).

Com a migração das elites da cidade em direção a Beira-Mar Norte, a região antes ocupada por eles se tornou um território negro, especialmente a rua da pedreira (SANTOS, 2009). Antes do estabelecimento dessa população nas proximidades do que hoje chamamos de Centro Leste, a região entre o rio da Bulha e o morro da Cruz já era um bairro popular estabelecido.

Com essa mudança da população central da cidade, as elites começaram, convenientemente, a achar o discurso higienista como algo útil para o futuro da cidade. Usando dos pretextos de saúde e organização social para iniciar obras para “limpar” o centro. Como grandes ações higienistas posso destacar a canalização e posterior recobrimento do Rio da Buíha, a associação do trabalho das lavadeiras como algo insalubre, as constantes modificações do Mercado Público de Florianópolis e os aumentos dos preços dos aluguéis das casinhas que compõem o mercado, Mercado Público este, que recentemente após sua nova cobertura instalada, conseguiu ter suas características completamente alteradas, de um espaço plural, de venda de diversos produtos e de passagem através de seu vão central aberto, se tornou em uma praça de alimentação de shopping, fora de um shopping, o perfeito ambiente elitizado.

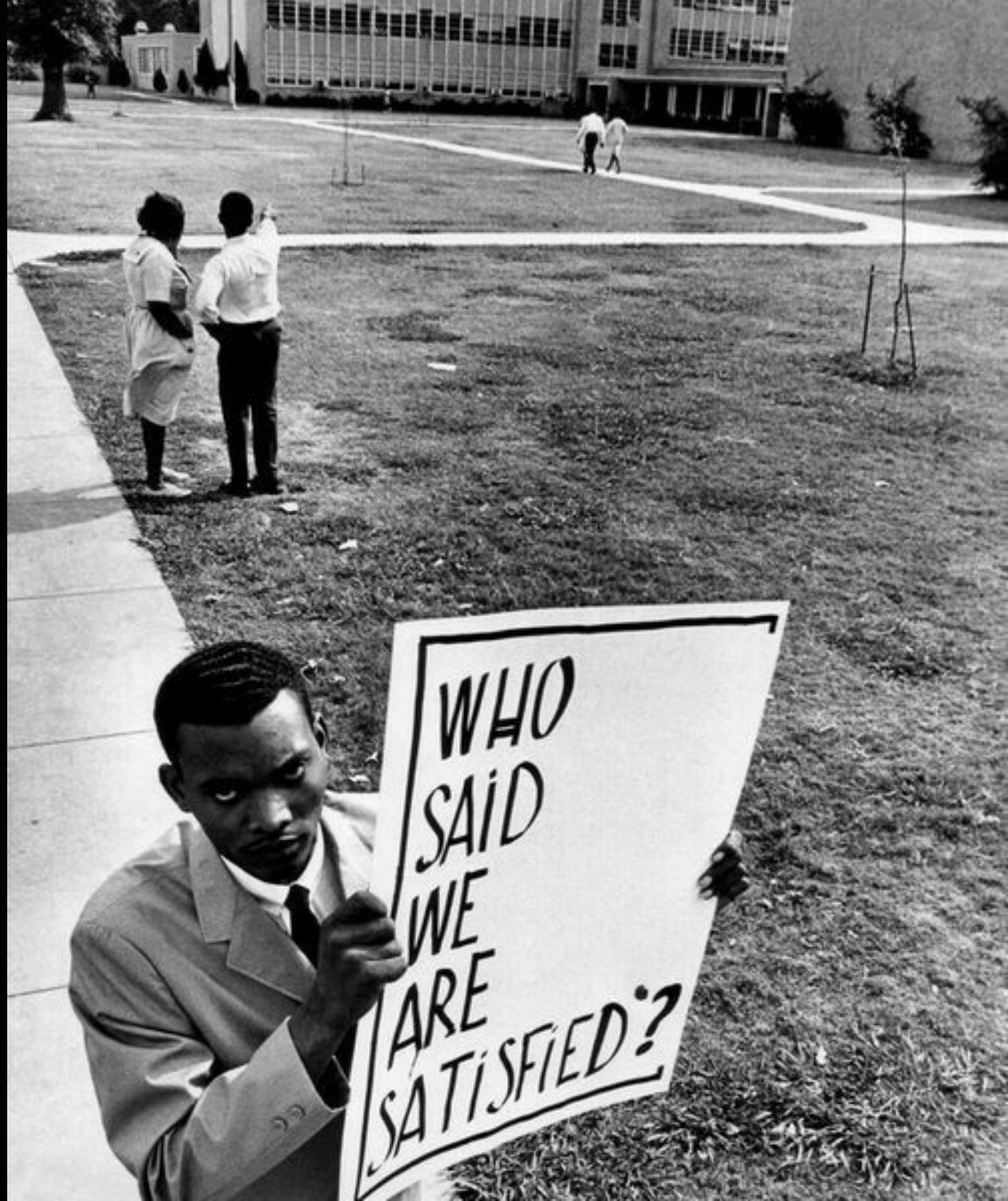
As medidas higienistas ocorridas repetidas vezes na história da cidade, funcionaram como ondas de expulsão das populações mais pobres do centro para as encostas do Morro do Antão, atualmente Morro da Cruz e para o continente, alterando completamente a ocupação da cidade, deixando marcas até hoje sentidas. Hoje em dia, os territórios negros deixaram de ser suas ruas e passaram a ser pontos específicos, como o Largo da Alfandega e o Terminal Urbano Cidade de Florianópolis com suas batalhas de MCs, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, tradicional local de religiosidade cristã negra e os bairros para os quais essas populações tiveram que se refugiar, fugindo do processo de gentrificação da cidade, destaco aqui a partir dos

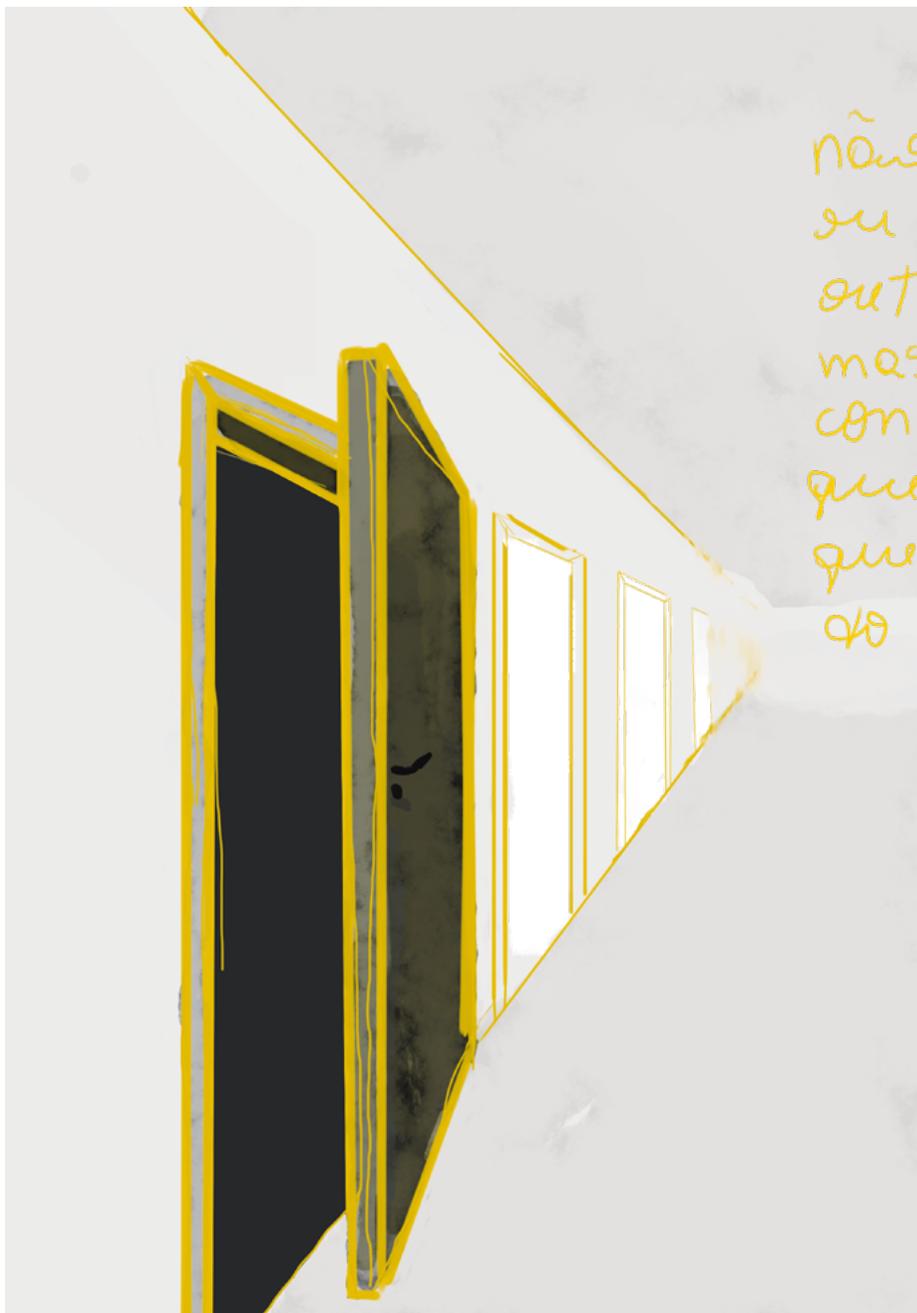


Igreja dos pretos, sempre vigiados
Autoria própria, 2021

dados do senso do IBGE de 2010 os bairros do Monte Cristo, José Mendes, Saco Grande, Jardim Atlântico, Agronomica, Saco dos Limões, Coloninha e Monte Verde, em ordem decrescente de população autodeclarada parda ou negra, sendo o Monte Cristo, Jardim Atlântico e Coloninha, um grande complexo de bairros, com o principal primeiramente citado, o bairro mais carente da cidade, José Mendes, Agronomica e Saco dos Limões, pertencentes ao complexo do Morro da Cruz, Monte Verde surge a partir de um conjunto habitacional da COHAB. Ocupações marcadas pela falta de acesso, distância do centro da cidade e consequentemente o preço da terra.

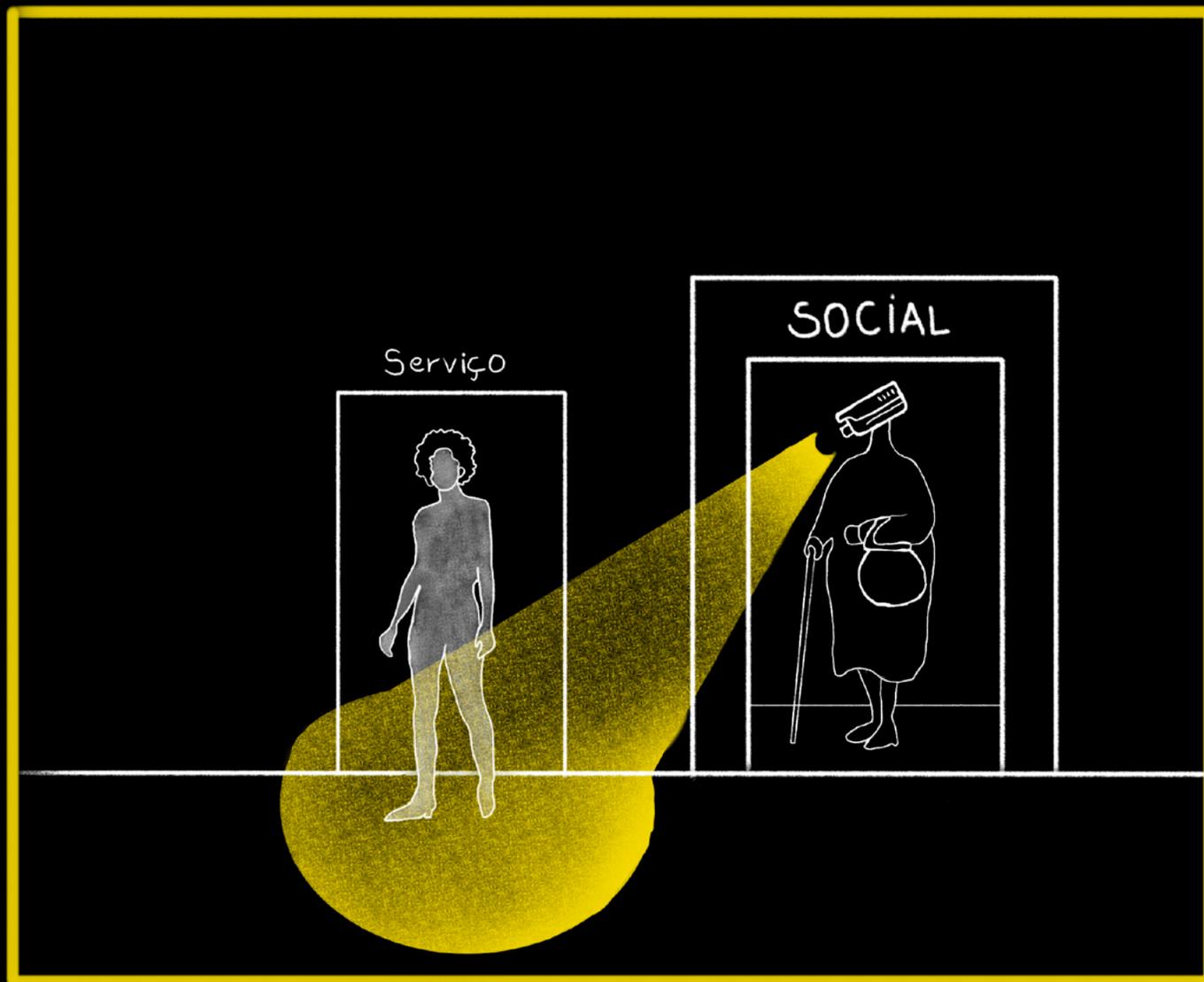
Com tal histórico, a cidade de Florianópolis, em conjunto com suas vizinhas, criam uma cruel estrutura de apagamento e afastamento da população negra e pobre do seu local, para longo dos olhos da branquitude. O modelo de ocupação da região da grande Florianópolis, reflete a estrutura racista da qual vivemos, que segrega e obriga a população negra e pobre a uma rotina de ida e vinda dos melhores locais da cidade, onde estão os hospitais, grandes comércios, melhores locais de lazer e oportunidades de trabalho. O melhor não é pra ele, ele tem a certeza todos os dias que tem que se afastar dele para ir para casa, seu lugar.





não é algo "espiritual"
ou religioso, nada de
outra dimensão.
mas acredito em algo
concreto, ~~é~~ um resíduo
que o passado deixou
que malta o espírito
do lugar.

4. ZUMBIDOS



desenhando zumbidos 01
autoria própria.

Investido da vontade de entender o que seriam esses zumbidos e qual a forma deles, em um dia qualquer, caminhando pelo centro de Florianópolis, num corriqueiro percurso entre o Terminal de Integração do Centro e o final da Rua Esteves Júnior, notei uma movimentação diferente naquelas ruas. Foi muito estranho para mim me aproximar da região mais residencial do centro, próximo da esquina da Rua São Francisco com a Esteves Junior, e ver passarem por mim muito corpos negros, principalmente mulheres negras, todas caminhando no meu sentido oposto. Me aproximando de um lotérica vi duas dessas mulheres que me chamaram a atenção na rua conversando sobre o seu dia de trabalho na casa de suas patroas, olhei para o relógio, 17h10m aproximadamente, horário das diaristas saírem do trabalho e realizarem novamente o típico caminho de se afastar do centro em direção às suas casas. O sentimento de estranhamento mas em conjunto com o conforto de ver tantos corpos parecidos com o meu naquele local privilegiado foi sumindo junto com a certeza de que a ambiência que aquelas pessoas criavam para mim era apenas momentânea, era apenas mais um sintoma, assim como meus zumbidos, aquilo era a história da cidade me lem-

brando quem foi expulso dos melhores lugares da cidade e quem iria dormir aquela noite ali.

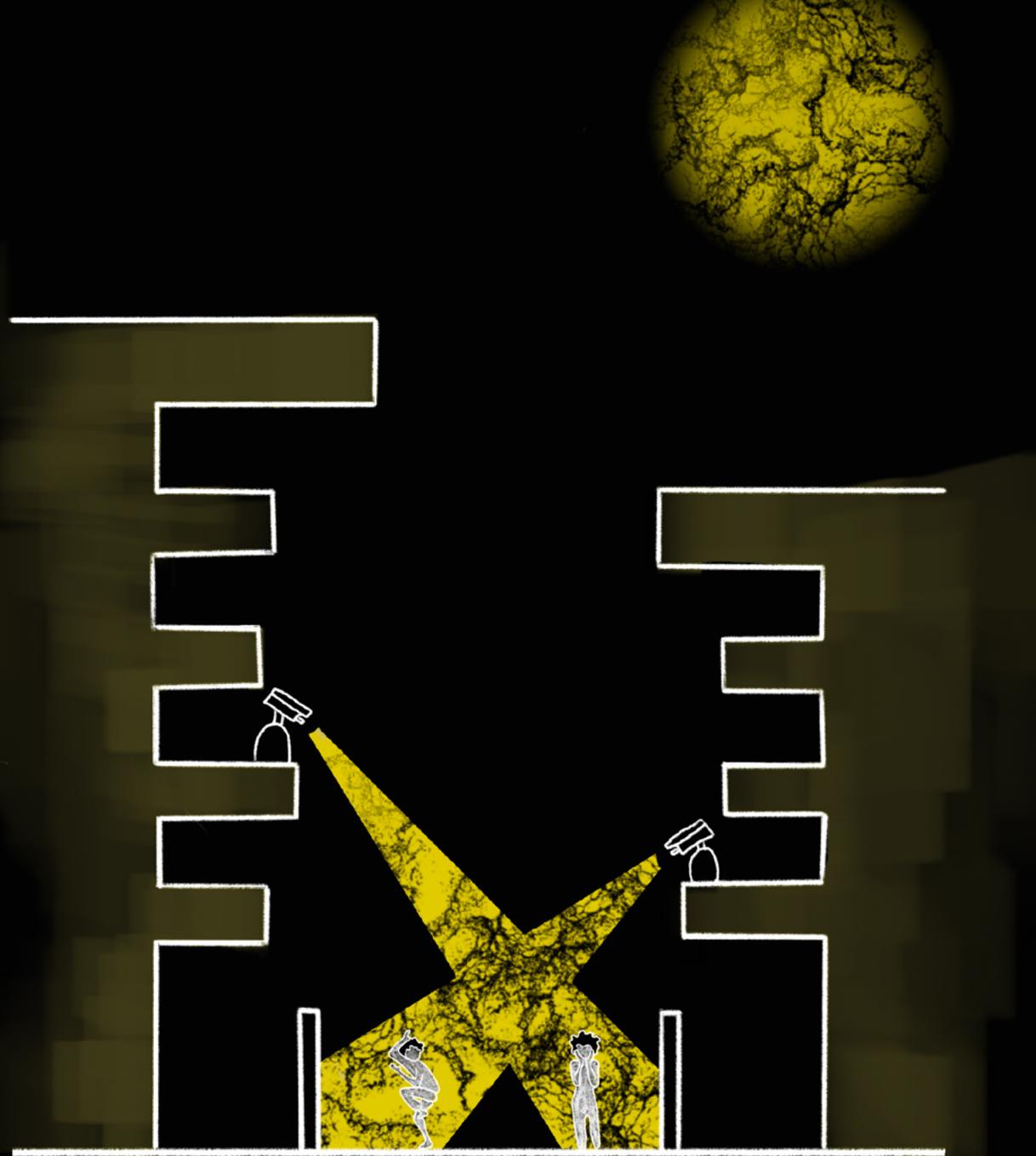
Ao mesmo tempo algo me dizia que os que aqui me permito chamar de “outros”, a branquitude, tinha total ciência de que aquele fluxo era passageiro e que eu também fazia parte dele. Quanto mais subia em direção a Avenida Beira Mar mais os olhos deles me procuravam, acostumados a verem os meus indo na direção contrária. Ao passar por um funcionário negro de um restaurante vizinho, que ia levar o lixo para fora, uma troca de olhares e um leve sorriso, as guardas abaixam um pouco. Logo na próxima esquina, os olhos brancos que me fitam me lembram a tensionar um pouco, lembrando que estava sendo monitorado, ao cruzar por mais uma mulher negra, relaxamento novamente, os sorrisos de canto de boca quando cruzamos, tensão novamente.

Ao realizar novas caminhadas por aquela mesma rua e por toda a região ao redor dela, notei que mesmo com a cidade vazia, em um sábado a tarde, sem olhares dos outros ou dos mesmos, ainda me sentia vigiado ali, algo me lembrava que ali não era o meu lugar, era melhor me comportar. Pela primeira vez estava me dando conta do quanto os corpos criam ambiência, de como a arquitetura pode perder o seu propósito com a variação de quem anda pelas ruas. As sacadas dos pomposos edifícios da região central de Florianópolis, que tinham sido pensados para admirar a vista, se tornaram em múltiplas câmeras de vigia na minha percepção da cidade.

Era como se todos aqueles outros rostos fossem faróis que me lembraram que aquele não é meu lugar e me destacavam naqueles espaços. Essa é a leitura que eu faço da tal 5ª camada da cidade. São essas as sensações que a história dessa cidade transborda em mim.

Entendendo aqui que a memória do espaço afeta o meu inconsciente e conseqüentemente a forma como eu leio a cidade, não é difícil lembrar a quem pertenceu essa parcela da cidade e que a história permanece intacta nesta região.

Como seriam outras regiões da cidade? Um outro histórico faz meu corpo se sentir diferente no espaço?



desenhando zumbidos 02
autoria própria.

Com essas questões em mente, me coloquei a caminhar pela centralidade tentando deixar no nível do consciente esses zumbidos que até então berravam apenas em plano de fundo, caminhando pela cidade os ouvindo até notar uma diferença em seus tons. Ao percorrer a região do centro leste a minha percepção do espaço se alterava, era menos amedrontador caminhar, mesmo quando corpos outros passavam por mim com seus faróis, mas ao virar a esquina da Travessa Olindina Alves Pereira em direção a General Bittencourt algo estranho, sensação difícil de explicar, mas que registrei assim que percorri a rua da seguinte forma:

“- rua general bittencourt

existe uma sensação de fundos, um lugar que se esconde, a rua é cheia de estacionamentos, fachadas fechadas, um centro de assistência à população de rua...

entrei nela a partir de uma praça na av. hercilio luz

algo nela me sucinta a refúgio, mas ela é estranha, estranhamente familiar.”

Diferente da região da Rua Esteves Júnior, não conhecia o passado da Rua General Bittencourt. Com seu primeiro nome sendo Rua da Tronqueira, durante a segunda metade do século XIX ela começou a concentrar a população pobre e mais tarde os escravizados libertos, morando ali em pequenas casas e cortiços.



desenhando zumbidos 03
autoria própria.

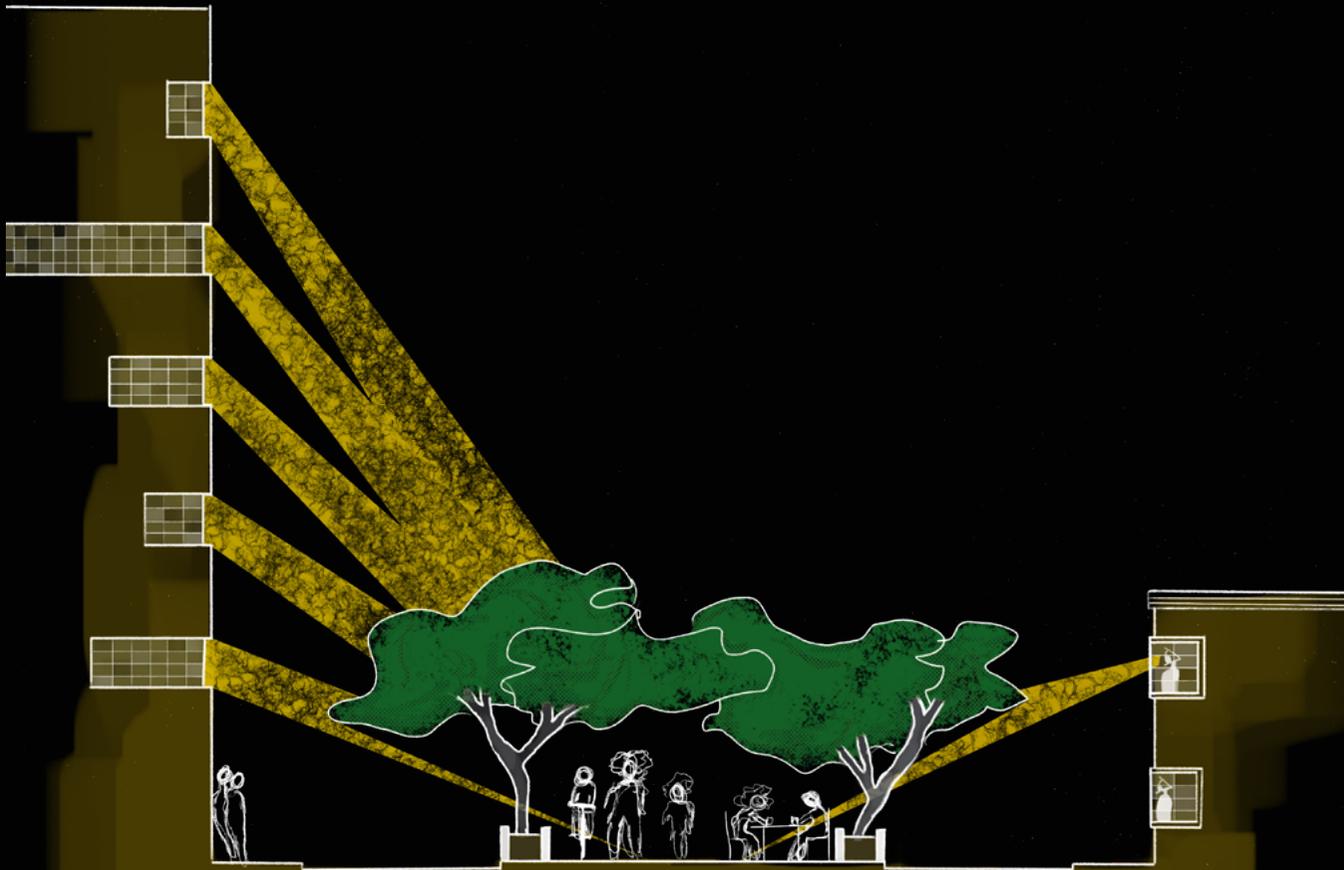
“Na Tronqueira, viviam as lavadeiras da Fonte Grande, escravas libertas ou que tinham permissão para morar fora da casa de seu dono, soldados, que serviam no Quartel do Campo do Manejo, escravos libertos, trabalhadores braçais, prostitutas e os recém chegados à cidade, pobres que procuravam os cortiços.” (SANTOS, 2009. pag 95.)

Nesse momento as minhas percepções sobre como a história pode criar ranhuras no presente tomam um caráter quase que espiritual, mas a minha sensação é física. Essa dicotomia não consigo explicar, mas continuo tentando expressá-la nos próximos desenhos.

Do ponto de vista arquitetônico, as ruas Esteves Junior e General Bittencourt possuem duas diferenças primordiais: a altura dos edifícios e as marquises que, na última, protegem os pedestres da vigia superior. Não tenho dúvida que a vigia de cima, em oposição a vigia horizontal, consegue ser mais opressora para os meus zumbidos. Da mesma forma, não acredito que seja a arquitetura por si só que impõe esse estado e eterna (auto)vigilância, ela apenas acentua os sintomas de um passado já incrustado na cidade.

Um outro ponto da cidade me intriga nesse momento, pois consegue reunir as características das duas últimas rua citadas, em cada lado da Avenida Hercílio Luz temos um tipo de gabarito diferente, vigia de cima e vigia horizontal. O que faz com que a mesma seja acolhedora, tendo em vista não apenas os meus ouvidos atentos aos meus zumbido ao percorrer com meu corpo por ela, mas também com a atual efervescência noturna que ela possui. A Avenida Hercílio Luz hoje em dia atrai grande parte do público jovem, preto e queer da cidade, com seus bares, restaurantes e casas noturnas.

Vejo essa avenida como uma perfeita miscelânea de todas as características físicas e históricas que fui elencando ao avançar em minhas tentativas de tornar visual os meus zumbidos. Ela possui um paredão de prédios que possibilitam o olhar opressivo de cima, pequenos edi-



desenhando zumbidos 04
autoria própria.

fícios históricos com o olhar no nível do pedestre, marquises naturais compostas por suas árvores e uma história de luta por espaço entre os mais pobres e a classe dominante da capital catarinense.

A avenida é traçada pelo seu rio, que hoje em dia corre escondido, mas que já foi o local de trabalho das lavadeiras, local de descarte dos dejetos da população central, moradia para as pessoas que deixaram de ser escravas (SANTOS, 2009). O rio da bulha, como foi denominado, era o limite da cidade, marcava o início da cidade preta, até então local indesejado da elite. Com o constante crescimento do centro da cidade, a branquitude começa uma tentativa de arrastar a população pobre e preta para novas bordas da cidade, processo que nunca terminou de acontecer.

Hoje em dia, com a tentativa de retomada dessa população para a região, mesmo que apenas por um período do dia, as eternas forças dos vigilantes seguem afastando quem tenta tomar de volta o que já lhe pertenceu. A branquitude insiste que “por falta de movimento de pessoas de bem” os bares e comércios da avenida devem ter horário de funcionamento limitado (CDL, 2019).

Parece que assim como na Esteves Júnior, que manteve seus proprietários, a Avenida Hercílio Luz, mesmo com o passar das décadas, manteve a sua constante tensão por ocupação. Mais uma vez essa camada da cidade, formada pelas memórias sedimentadas da mesma, se mostra atuante para mim.

Após levar meu corpo para sentir a centralidade já consicente da forma dos meus zumbidos, comecei a criar um mapa que pudesse demarcar as diferentes sensações e tonalidades desse zumbido.

Mapeando meu inconsciente, encontro 5 regiões da cidade, numeradas em razão do volume desses zumbidos, onde o numero 1 é o mais estridente e na região 5 se tornam quase nulos.



1

Região com os seus zumbidos já traduzido no “desenhando zumbidos 02”, o exemplo da Esteves Junior se entende para toda essa região, com seus grandes prédios, em maioria residenciais, lotados de varandas-farol, que vigiam e controlam quem só passa e quem pertence a esse lugar.

2

Entendo essa região como a ultima fronteira que “protege” a Florianópolis da Branquitude. Uma região que está sendo construída hoje, com novos prédio scada vez mais ao alto do morro, forçando a população que ali vive deixar a região central, pois aquele era o ultimo local possível. Essa região reflete perfeitamente a tentativa da cidade de expulsar para fora da ilha toda população que julgam como “cidadões do mal”.

3

Área foco dos “desenhando zumbidos 03 e 04”, região de muitos conflitos históricos da cidade que permanecem até hoje. Durante a noite, a sensação de vigia volta a um estado quase inerte. De dia, quando a população que um dia já foi dona daquele espaço já foi expulsa na noite anterior, o seus conflitos territoriais voltam a tona me lembrando mais um vez de quais lugares não pertencem.

4

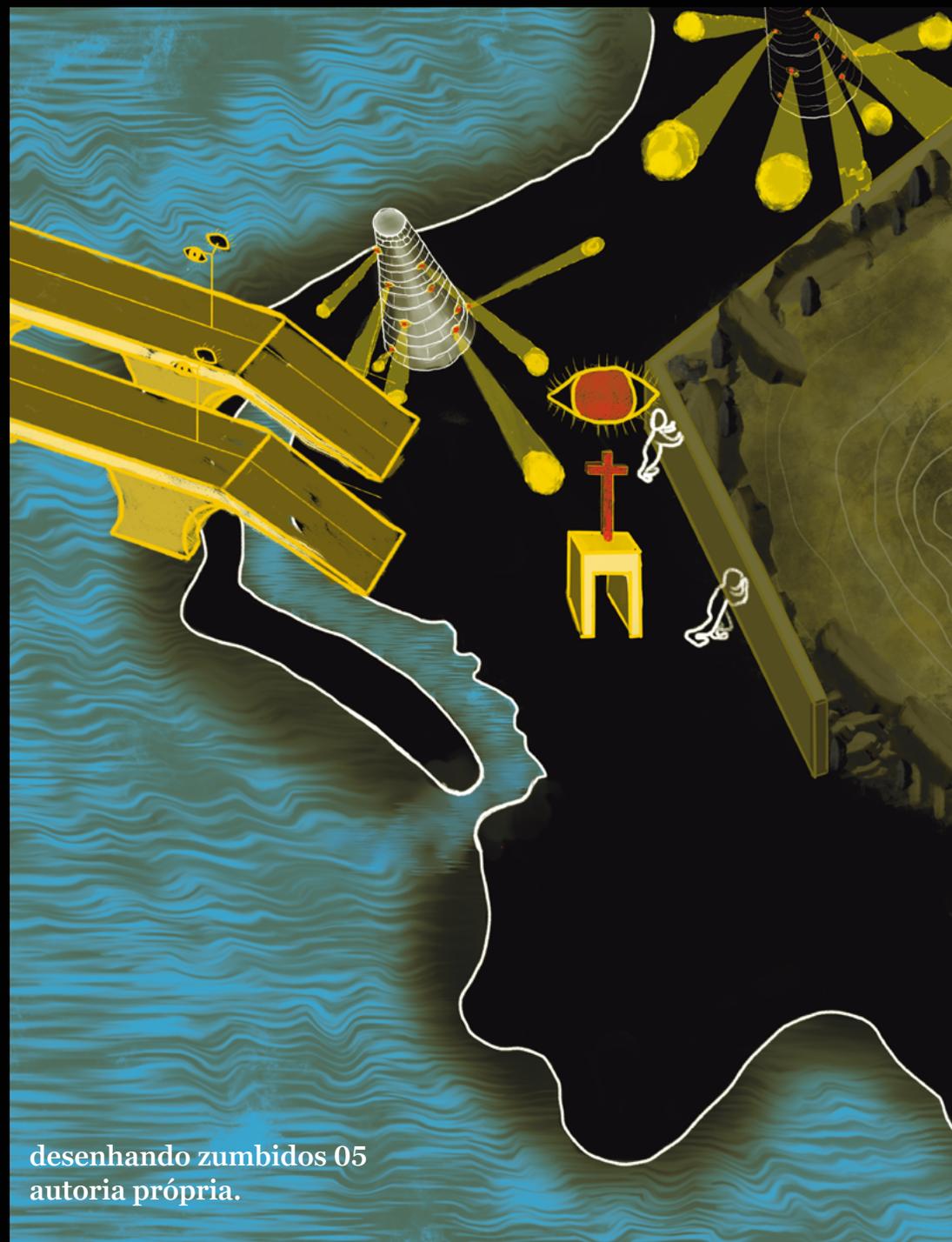
Essa região, fortemente marcada pelas ruas Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt e Tenente Silva são as mais familiares para mim em toda cidade. Os corpos plurais que ali trafegam não me ferem, a sensação de falta de pertencimento ao espaço não existe aqui. A arquitetura é um misto das regiões 1 e 3, quanto mais subimos em relação ao nível do mar, mais nos aproximamos a arquitetura da região 3, porém a alta presença de marquises me fazem esquecer dos vigias dos prédios, os edificios baixos comerciais da Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra vigiam de fora mas convidam o pedestre a entrar, por uma necessidade do seu fim comercial, mas que consegue tornar o local mais ameno para os meus zumbidos.

5

A região dos aterros foi a região mais tranquila em relação aos meus zumbidos. Por mais que a sua constante ocupação por pessoas em situação de rua me lembrasse que aquele local era, de certa forma, um local de descarte de pessoas na cidade. Entendi que se eles estavam ali era por que os vigias eram ausentes naquele local.

Com essas diferentes regiões da cidade ativando meus zumbidos de maneira maior ou menos, parto para o “desenhando zumbidos 05”. Onde tento elencar e criar a partir de uma visualização imagética os agentes da cidade que provocam meus sentidos subjetivos.

Elenco aqui as pontes como único ponto de vigia da região 5, as grandes torres de vigilância da região 1, a branquitude empurrando constantemente os muros da cidade para se dividir do resto da população da região 2, a igreja como representação do movimento histórico vigilante e punitivo que a região 3 sofre até hoje e uma porção de mar invadindo os aterros para marcar como essa região é à parte, talvez sem intenção, sendo apenas um sintoma de sua ocupação. Mas de qualquer maneira sua desconexão permite o seu papel, de descarte.



desenhando zumbidos 05
autoria própria.

5. ENTREVISTAS

VANDA.

Vanda Pinedo é uma mulher, cis, preta, com 64 anos, gaucha, professora, militante vanguardista e ex-coordenadora estadual e nacional da MNU. Minha conversa com Vanda foi em um edifício na Rua General Bittencourt, local de grande importância para meu trabalho.

Minha principal intenção com essas conversas era entender os zumbidos de cada pessoa que conversei, para isso seria necessário uma abertura grande por parte do entrevistado, afinal nossos zumbidos são dolorosos, Vanda é uma mulher firme, infelizmente não consegui acessar essa parte dela, porém ela conseguiu contribuir para novos entendimentos dessa camada da cidade.

Com as lutas do movimento negro, Vanda me demonstrou como a população negra organizada cria movimentos de resistência que tensionam regiões da cidade. A força que até então eu atribuí a história da cidade é catalisada pelos que resistem ativamente. Vanda me ensinou exemplificando com a participação ativa da população nas discussões do plano diretor e os movimentos de batalha de rap que lutam para continuar existindo na cidade, que sem movimento ativo a história por si só não possui força para causar mudança, pode causar incômodo, como na Rua Esteves Júnior, mas não gera tensões como na Av. Hercílio Luz.

Durante nossa conversa Vanda me contou sobre uma Florianópolis que sempre tenta expulsar a população negra dos seus locais, seja com a transformação do

Mercado Público

em praça de alimentação, com aumento do custo de vida e valor da terra das regiões centrais da cidade ou com as tentativas frequentes de remover comércios populares da “cidade da branquitude”. Vanda me enfatizou o quanto a população negra está sempre sendo forçadamente arrastada para as bordas e no caso de uma ilha como a Capital Catarinense, as bordas são do lado de fora.

Greg

Greg Malaquias é uma bicha não binária, paulista, formada em design de moda pela UDESC e pesquisadora de raça, gênero e sexualidades pelo NEAB/UDESC (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina). Nossa conversa foi em um café, próximo ao Parque da Luz, local que escolhi por considerá-lo um lugar de não pertencimento para mim, gostaria que os nossos zumbidos, meu e de Greg estivessem mais aflorados durante a conversa.

Após apresentar meu trabalho para Greg, ela começou a me contar sobre sua vinda de São Paulo para Florianópolis, uma das primeiras coisas que me falou que mesmo após 6 anos aqui, faz menos de 1 ano que a sensação de alienígena na cidade começou a diminuir. Desde que chegou aqui Greg sempre se sentiu invisível, como se as pessoas não a notasse nos lugares, ao mesmo tempo ela me conta que se sente comprimida aqui, como se houvessem paredes ao seu redor, que a ocultam nos espaços e apertam-no-a tentando, e muitas vezes conseguindo, diminuir suas particulares, sua negritude, transgeneridade e sexualidade.

Essa sensação é contínua na cidade de Florianópolis, po-

rém pode notá-la com mais intensidade na primeira vez que entrou no Beiramar Shopping, famoso local de compras na Beira-Mar Norte, avenida com o metro quadrado mais caro da cidade. Assim que entrou no espaço ela relata que entendeu que aquele lugar tinha dono e esse proprietário não se assemelhava a ela. Entrou ali procurando por emprego e saiu de lá empregada em uma loja de roupas direcionada a classe alta, convivendo com essa parcela da população ela notou o quanto as tentativas de apagamento de suas particularidades eram frequentes, exacerbando sua sensação claustrofóbica de compressão.

6. CONSIDERAÇÕES ATUAIS

Início o trabalho querendo entender como as pessoas se sentem e me uso de estudo de caso para então partir em uma jornada de tatear como a comunidade negra se sente na cidade de Florianópolis.

No decorrer dessa caminhada, entendo que cada um de nós possui uma cidade única dentro de si e que a forma com que a capital se formou até hoje, a sua 5ª camada, consegue em conjunto com a minha história, moldar a forma com que a ocupo. Vejo o entendimento real de todas as parcelas da população como agenda urgente na arquitetura, nossos projetos ecoam em todos, mas sem o devido conhecimento dos habitantes, é impossível prever como ela irá ativar os zumbidos de cada um.

Tendo em vista no meu trabalho apenas o recorte racial, destaco aqui como urgente uma retomada da

história da cidade, a partir de iniciativas públicas que escureçam o conhecimento dos cidadãos florianopolitanos da história da cidade. Tal conhecimento é importante para a branquitude sair de sua própria visão em relação a história e crucial para a população negra se entender como parte, sem o sentimento de pertencimento é mais difícil existir a força para resistir, lutar por um lugar que nunca foi seu não faz sentido.

CAMPOS, em 2020, reflete sobre a ressignificação da Avenida Hercílio Luz como Caminho dos Tigres, nome advindo dos escravizados que ali passavam com os detritos dos seus senhores queimando sua pele dando o aspecto de pele de tigre. Tal nomeamento da avenida legitima a identidade do lugar como um espaço público com forte relação com a população negra. Empoderando esses moradores da sua história e de sua conexão com a construção da cidade.

Apenas com uma população negra escurecida de sua história, podemos deixar de nos preocupar com a forma com que a arquitetura pode ativar negativamente seus zumbidos. Enquanto isso, levo para minha forma de projetar a cidade o requisito de continuar entendendo a história dela, para evitar de tocar nesses locais tão doloridos pra mim e para os meus.

BIBLIOGRAFIA

SANTOS, André Luiz. Do Mar ao Morro:: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis.. 2009. 658 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Coelho, Amanda Oliveira. Guia de reconhecimento sobre branquitude: educando para a diversidade / Amanda Oliveira Coelho, Fariza Barreto Alves,. - 2 ed. UNESP, 2022.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: Invisibilidade histórica e segregação. In LEITE, Ilka (org). Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Freud, Sigmund, 1856-1939. Introdução ao narcisismo : ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / Sigmund Freud ; tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

CDL. Bares e restaurantes da Victor Meirelles reduzem horário de atendimento para meia-noite. <<https://www.cdlflorianopolis.org.br/noticia/Bares%20e%20restaurantes%20da%20Victor%20Meirelles%20reduzem%20hor%C3%A1rio%20de%20atendimento%20para%20meia-noite-5117>> Acesso em 10/01/2023.

CARDOSO, Fernando Henrique. Negros em Florianópolis: Relações sociais e econômicas. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Em busca de um fantasma: as populações de origem africana em Desterro, Florianópolis, de 1860 a 1888. PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. UniCEUB,FACJS, Vol.2,N.1/07 - ISSN 1980-8887, 2010

CAMPOS, Rafael Alvez de, DONATO, Larissa. No caminho dos Tigres: retrato de um rio e sua relevância como espaço público para a população negra de Florianópolis-SC. Conflitos e conquistas do passado e do presente. Anais Jornadas Antropológicas PPGAS/UFSC, 2020.

